



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14711 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MAPEANDO EXERCÍCIOS MENORES E SAÍDAS INVENTIVAS COM GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS TERRITÓRIOS DA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA

Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

MAPEANDO EXERCÍCIOS MENORES E SAÍDAS INVENTIVAS COM GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS TERRITÓRIOS DA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA

Introdução

A Educação em Biologia, entendida como territorialidade com inúmeras camadas que tonalizam modos de conhecer a partir das operações de gêneros e sexualidades (Santos; Martins, 2022) – por um lado, tem oferecido aos espaços educativos escolares possibilidades de mobilização de forças de combate à lógica da regulação e do controle dos regimes de gênero e sexualidade, nos provocando-nos a vibrá-la para além da excepcionalidade biológica. Por outro lado, a Educação em Biologia tem servido também como justificativa para a interdição e estriamento de qualquer possibilidade de diferenças com os gêneros e as sexualidades.

Nas pesquisas com os territórios da Educação em Biologia, os gêneros e as sexualidades, temos nos movimentado na compreensão de que a regulação nos territórios tem o seu avesso. É este avesso que, desde o início, esteve “fazendo pressão” (Pelbart, 2016, p. 14) e invocando forças com a capacidade “[...] de encontrar as contra-potências, os contragolpes [...] e, também, as novas desordens que a suposta ordem totalizada encobriria [...]” (Pelbart, 2016, p. 19). É por tal avesso e pela aposta de que ele pode instaurar combates aos territórios junto à Educação em Biologia menor, que escrevemos este texto.

A escrita deste texto tem como base um recorte de uma pesquisa de doutorado, tese defendida em 2018, em que, por meio da cartografia como um dos modos de operação investigativo, acompanhamos os agenciamentos “Experiências de pessoas trans – Ensino de Biologia” e as possíveis ressonâncias que essa aliança pode produzir na/com Educação em

Biologia; além disso, auxiliam na composição desta escrita algumas das reflexões provocadas ao revisitar a tese com movimentos de pensar nos exercícios educacionais *menores*. Neste sentido, a intenção para este texto é, sobretudo, compartilhar e discutir os movimentos instaurados por duas professoras de Biologia, colaboradoras da referida tese, que entretecem linhas de uma *educação em Biologia menor*.

Podemos (!) continuar perseguindo as miudezas nos territórios da Educação em Biologia

Não podemos esquecer que é também no ataque à linguagem, no desperdício de experiência e na escassez de formas de invenção que esse projeto de mundo assombrado vem se erguendo. Porém, as pedrinhas miúdas continuam sendo lançadas no tempo, comunicando outras possibilidades e produzindo presenças [...] (Simas, 2019, p. 138).

No funcionamento das territorialidades da Educação em Biologia, os gêneros e as sexualidades operam e organizam *ora* superfícies de regulações e estriamento dos territórios – erguendo usos maiores -, *ora* paisagens de resistências, criações, aberturas, fugas e conexões às linhas menores (Deleuze; Guattari, 2015), produzindo presenças.

Os exercícios menores têm tecido possibilidade de operações de abertura a outros espaços possíveis e menos estriados à experimentação de gêneros e sexualidades. Em territórios erguidos diante de linhas miúdas de escapes, fugas e fissuras à lógica da captura dos usos maiores, a Educação em Biologia menor comunica/produz outras presenças e possibilidades para além de um modo de existência universal com os gêneros e as sexualidades. Ela se abre em fraturas aos assombros, ao desperdício de experiência e à escassez de formas de invenção da Educação em Biologia maior, cartografando seus contornos de modos menores.

A cartografia deslocando-nos para sentirmos outras enunciações

Aproximamo-nos da cartografia como perspectiva metodológica (Prado-Filho; Teti, 2013) que implica um modo de desenhar, desenredar, traçar e acompanhar movimentos territoriais de composições de linhas e possibilidades por elas inauguradas.

Além de trazer fragmentos da referida tese, nos ocupar-nos-emos, no âmbito da análise, dos movimentos instaurados no entrecimento de linhas de uma *educação em Biologia menor*. Os fragmentos foram construídos a partir do diálogo-entrevista (Deleuze; Parnet, 1998) realizado entre agosto de 2016 e setembro de 2017, com uma professora de Biologia da rede pública estadual de uma escola mineira, no encontro com a imagem de um homem trans grávido, e outra professora XY formadora de professores/as de Biologia. Os nomes que acompanham os diálogos foram autorizados pelas colaboradoras.

Diálogos com as professoras: alargando frentes de resistências contra as investidas de uma Educação em Biologia maior

[...] Não nos deparamos com essa situação em sala de aula. [...] eu não tinha visto essa imagem [um homem trans grávido]. É uma coisa que me

faz pensar: 'como ele se sente gestando? Já que ele quis ser homem, como ele se sente gestando uma criança?' [...] por que será que nesse momento ele quis voltar a procriar? (pausa) Então, eu gostaria de conversar com ele (risos). Não tenho resposta [...]. Nós indagamos, criamos possibilidades na mente para buscar uma resposta e a resposta não se consegue. Só a gente estando muito próximo dessa pessoa para compreender como aconteceu e que influência tem na vida dele. Não é possível ainda responder. Talvez não seja essa resposta, nem cromossomo, nem hormonal. [...] Quanto mais você me questiona, mas eu vejo que a gente precisa discutir isso (Angélica, diálogo-entrevista, agosto 2016).

O encontro da professora com o impensado mobiliza relações de forças que marcam e movimentam os territórios da Educação em Biologia. Acompanhando seus movimentos, destacamos que a emergência de outras possibilidades de diálogos não exclui aquelas afeitas ao essencialismo biológico, mas convidam-nas a colocar em disputa a predominância dos usos maiores e tensionar os impedimentos que dificultam enxergar os usos menores que sobrevivem aos territórios e reinventam com os gêneros e as sexualidades.

Mesmo diante de forças que tentam subordinar as experimentações com gêneros e sexualidades, a professora mobiliza uma série de perguntas que vibram em outros tons e intensificam possíveis forças de passagens, criação de possibilidades e negociações que tensionam a Educação em Biologia maior.

A professora nutriu reflexões que extrapolam o planejado e o imaginado nas aulas de Biologia, conforme apresentado a seguir.

[...] eu não falaria de sexo. Trabalharia os órgãos, os hormônios, as gônadas, as glândulas com os ciclos hormonais. Retiraria das aulas a palavra feminino e a palavra masculino. Eu não colocaria nem feminino e nem masculino. Falaria de corpo humano. [...] Eu vou começar no conteúdo de reprodução com essa imagem? Por quê? Para que eu faça uma readequação de novos conceitos, como eu falei para você, ao trabalhar o corpo humano. E não trabalhar em gênero masculino e feminino. Eu tenho que partir daqui (imagem do homem trans grávido), porque quando você me mostra essa imagem, eu tenho que repensar os meus conceitos para me posicionar dentro da sala de aula. Eu tenho que partir de algo que vai levar o meu aluno a pensar e refletir (Angélica, diálogo-entrevista, agosto 2016).

Angélica mobilizou estranhamentos dos dizeres recorrentes da Educação em Biologia em relação ao sexo, ao gênero feminino e ao masculino. Ela deslocou as prioridades e interrogou conceitos, o que possibilitou outras conexões e conversas possíveis com reprodução humana, ciclos hormonais, gônadas e glândulas. O movimento da professora poderá se revelar como um espaço no território da Educação em Biologia de produção de combate e possíveis maneiras de driblar o modelo único, de controle e captura do gênero e da sexualidade.

Diante dos questionamentos, Angélica vai criando possibilidades de uma linguagem menor, expansão de horizontes para além dos espaços de controle, do silenciamento de

experiências no currículo, do estranhamento do ordinário e acolhimento da diferença.

No âmbito do VII Encontro Regional de Ensino de Biologia/Nordeste (EREBIO/NE), em 2017, encontramos-nos com a professora Alice Pagan na cidade do Crato/CE. Ela trouxe inúmeros tensionamentos aos territórios da Educação em Biologia, sobretudo, a partir de sua existência enquanto mulher XY que tem pênis e não tem seios. Ao introduzir linhas de fuga aos usos maiores que têm insistido nas pretensões e arrogâncias das afirmações “Ser mulher é ter vagina”, “Ser mulher é ser XX”, ela mobiliza espaços de forças insurgentes que clamam por outras existências possíveis e por processos de resistências às tentativas de controle, engessamentos e de padronização.

É não ter medo de dizer o que pensa, de dizer o que sente, de falar do seu ponto de vista. De dizer: Olha, XX não é mulher, XY não é homem, XX vai determinar algumas características [...] é romper com essas coisas dicotômicas, com essas correspondências cartesianas. É ir para além disso, não deixar que essas coisas perpetuem [...] O modelo de Lineu, das descrições, caracterização do ser [...] essa biologia da caracterização tem que ser revista. A gente tem que trabalhar com a ideia dos contextos e não de descrever o que tem ou o que falta. Esse olhar do homem, esse olhar racional tem que ser rompido. [...] entender isso tudo dentro da Biologia também para além da morfologia e da fisiologia e começar a entender o eco social. São relações sociais que a gente estabelece com os demais seres vivos (Alice Pagan, diálogo-entrevista, setembro 2017).

Entendemos que, de diferentes modos, Alice Pagan desestabiliza os modelos, as descrições, as correspondências cartesianas e as dicotomias nos territórios da Educação em Biologia, usando estratégias distintas que perpassam a sua existência, o plano do sensível e os tensionamentos da caracterização de XX e XY. Com isso, ela visibiliza possibilidades de traçar rotas de fuga por meio do combate da imposição e soberania das regulações que perpetuam nos territórios, perpassando pelo sensível das relações que estabelecemos com os outros. Há uma sinalização para a revisão e rompimento dos usos maiores da Educação em Biologia, que pede brechas, por menores que sejam, para reativar as possibilidades territoriais com traçados, que cavam outros ecos, e (com)textos para além das dicotomias e das correspondências cartesianas.

Para finalizar este cartografar

Com base no exposto ao longo do texto, podemos evidenciar que os movimentos menores, nos territórios da Educação em Biologia, acionam insurgências que vibram em outros tons e mobilizam forças de passagens, criação de possibilidades, transições, reviravoltas, deslizamentos e negociações que tensionam a Educação em Biologia maior. Eles nos ensinaram as suas implicações políticas nos modos de pensar e fazer a Educação em Biologia com gêneros e sexualidades: escolhas de estratégias, investimentos em não reproduzir a soberania das regulações, mas de criar, nas brechas dos usos maiores, possibilidades territoriais com traçados que cavam outros ecos e (com)textos que potencializam ações transformadoras.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, G.; PARNET C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

PELBART, P. P. Introdução. In: PELBART, P. P. **O avesso do nihilismo**: cartografias do esgotamento. 2ª edição. São Paulo; n-1 edições, 2016, p. 13-21.

PRADO-FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, jan./jun, p. 45-59, 2013.

SANTOS; S. P.; MARTINS, M. M. Modos de narrar (e constituir) a Educação em Biologia e gêneros e sexualidades: entre linhas duras e de fugas. In: 9º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO e 6º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. 23 a 26 de maio 2022. **Anais [...]** Universidade Luterana do Brasil e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SIMAS, L. A. **Pedrinhas miudinhas**: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. 2.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

Palavras-Chave: Cartografia. Professoras de Biologia. Combates.